

FRONTEIRA, GLOBALIZAÇÃO E AGROECOLOGIA NA FEIRA LIVRE DE LADÁRIO/MS, BRASIL

Frontera, Globalización y Agroecología en la Feria de Ladário/MS, Brasil

Border, Globalization and Agroecology at the free fair of Ladário/MS, Brazil

Elvis Augusto Souza da Rocha*
Edgar Aparecido da Costa**

* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – elvispedagogo@hotmail.com

** Professor titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Pantanal – edgarac10@gmail.com

Recebido em 11/12/2023. Aceito para publicação em 13/12/2024.
Versão online publicada em 13/01/2024 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

Resumo:

A globalização, a agroecologia e o desenvolvimento sustentável são temas interconectados que estão em evidência na sociedade atual. Este artigo tem como objetivo comparar a quantidade de consumidores que frequentam e a variedade de produtos vendidos na maior banca do Grupo Bem-Estar do Assentamento 72, do município de Ladário/MS e na maior dos feirantes bolivianos na feira livre de sábado. Utilizou-se trabalho de campo, com a técnica da observação e contagem simples dos consumidores e das hortaliças comercializadas. Observou-se que a banca boliviana apresenta maior quantidade de consumidores e variedade de produtos comercializados.

Palavras-chave: Fronteira. Globalização. Sustentabilidade. Produção agroecológica.

Abstract:

Globalization, agroecology, and sustainable development are interconnected themes that are in the spotlight in today's society. This article aims to compare the number of consumers who frequent and the variety of products sold at the largest stall of the Bem-Estar Group, from the 72 Settlement, in the municipality of Ladário/MS, and at the largest stall of the Bolivian vendors at the Saturday street market. Field work was used, with the technique of simple observation and counting of consumers and vegetables sold. It was observed that the Bolivian stall has a greater number of consumers and variety of products sold.

Keywords: Border. Globalization. Sustainability. Agroecological production.

Resumen:

La globalización, la agroecología y el desarrollo sostenible son temas interconectados que están en evidencia en la sociedad actual. Este artículo tiene como objetivo comparar la cantidad de consumidores que frecuentan y la variedad de productos vendidos en el mayor puesto del Grupo Bem-Estar, del Asentamiento 72, del municipio de Ladário/MS, y en el mayor de los feriantes bolivianos en el mercado libre del sábado. Se utilizó trabajo de campo, con la técnica de la observación y el conteo simple de los consumidores y las hortalizas comercializadas. Se observó que el puesto boliviano presenta una mayor cantidad de consumidores y variedad de productos comercializado.

Palabras clave: Frontera. Globalización. Sostenibilidad. Producción agroecológica.

1. Introdução

A globalização é um fenômeno multidimensional e complexo que afeta diversos aspectos da sociedade moderna. Segundo Robertson (2000, p. 23), a globalização pode ser entendida como “um processo que envolve a crescente interdependência e interconexão dos países em diferentes esferas, incluindo a econômica, política, social e cultural”. Para Friedman (2005), ela é impulsionada pela rápida evolução da tecnologia da informação e das comunicações que tornaram o mundo mais interligado e interdependente.

Essa conectividade global impulsionou o crescimento do comércio internacional, a circulação de capitais, o fluxo de informações e a difusão de ideias e valores culturais. Contudo, impôs pressões sobre os recursos naturais e o meio ambiente, tornando necessário adotar políticas públicas que promovam a sustentabilidade ambiental. No mundo globalizado a agricultura desempenha um papel fundamental na segurança alimentar. No entanto, os sistemas agrícolas convencionais geraram uma série de impactos negativos, como a degradação do solo, a contaminação dos recursos hídricos e a perda de biodiversidade. Além disso, o uso de agrotóxicos coloca em questão a qualidade sanitária dos alimentos.

Dentre as técnicas de produção menos agressivas ao meio ambiente, a agroecologia despontou na década de 1970, como ciência e prática que utiliza princípios da agricultura tradicional camponesa, conhecimentos e métodos ecológicos adaptados a cada localidade. Desde então vem ganhando cada vez mais espaço no Brasil, principalmente nas pequenas propriedades rurais, onde se busca aliar técnicas sustentáveis de produção e conservação ambiental.

A agroecologia entra, neste sentido, para fortalecer o desenvolvimento rural, fundamentando-se na perspectiva de “transformação da sociedade” para mudar as relações de produção no campo (Duarte, 2009).

Em Ladário, município localizado na porção ocidental do estado de Mato Grosso do Sul, na fronteira do Brasil com a Bolívia, o Grupo Bem-Estar – agricultores do Assentamento Rural 72 – encontra-se em transição agroecológica desde 2015. Avança para a produção orgânica a passos lentos e teve uma paralisação no seu processo de certificação, por conta da pandemia da covid-19 entre 2020 e 2021.

Vale dizer que nem sempre a população escolhe comprar os produtos agroecológicos. O preço é o principal fator levado em conta na hora de escolher as

hortaliças (54,81%), conforme demonstrado por Cuyate, Costa e Braticевич (2015) em pesquisa realizada na feira livre de Ladário. O mesmo levantamento apontou que a escolha pela qualidade representou, apenas, 14,42% dos entrevistados.

O objetivo deste trabalho é comparar a quantidade de consumidores que frequentam e a variedade de produtos vendidos nas maiores bancas da agricultura familiar do Grupo Bem-Estar do Assentamento 72, do município de Ladário/MS e dos feirantes bolivianos na feira livre de sábado.

Utilizou-se de pesquisa bibliográfica e da técnica da observação nos dois primeiros sábados do mês de junho de 2023, no espaço fronteiro da feira livre da cidade de Ladário, no Mato Grosso do Sul.

O artigo está organizado em quatro seções, além desta. A primeira trata da apresentação do entendimento da relação meio ambiente, sustentabilidade e globalização. A segunda traz a discussão conceitual de fronteira, entendida neste trabalho. A terceira aborda a agroecologia e o como o Grupo Bem-estar adotou essa forma de produção. Por fim, a quarta seção apresenta os resultados da observação de campo na feira livre de sábado de Ladário.

2. Meio ambiente, sustentabilidade e globalização

A relação entre meio ambiente e globalização tem sido objeto de estudo e debate ao longo das últimas décadas. O processo de globalização, impulsionado pelo avanço tecnológico e a interconexão entre países, trouxe consigo o crescimento econômico e o aumento da produção industrial. Consequentemente, trouxe o aumento da produção de carbono e uma série de impactos ambientais que afetam diretamente a sustentabilidade do planeta (Stern, 2007).

Um dos maiores desafios enfrentados pela humanidade é o aquecimento global e as consequências que seu efeito traz ao equilíbrio ambiental. Além disso, a globalização favoreceu a expansão do comércio internacional, com incremento no transporte de bens e mercadorias, e consequentemente, aumento nas emissões de gases poluentes (Stern, 2007).

A globalização e o meio ambiente são temas intrinsecamente relacionados nas atividades humanas e transcendem as fronteiras nacionais. Segundo Abílio (2011), meio ambiente corresponde a leis, influências e interações que abriga e rege a vida em todas as suas formas. É resultante do meio natural, social e cultural que envolve

e interage com o ser humano, reciprocamente, influenciando e sendo influenciado por ele. Para Rodriguez e Silva (2009).

O meio ambiente é não só biofísico, mas também um meio social e econômico, ou seja, é também um meio cultural. Assim o meio ambiente, segundo esta visão, não é a sociedade nem a natureza, mas sim a inter-relação entre ambas. (...). Esta é uma definição clássica, na qual divide-se o objeto (o meio) do sujeito (os seres humanos) e se dá maior atenção aquilo que influi sobre o sujeito, ou seja, privilegia-se o meio como objeto. Como considera que o meio ambiente é o conjunto de fatores naturais e sociais e suas interações em um espaço e tempo dados, esta visão está perto da visão espacial (Rodrigues e Silva, 2009, p. 30).

A expansão dos mercados globais e o aumento do comércio internacional estimularam o crescimento exponencial da produção e do consumo, acometendo pressões crescentes sobre os recursos naturais. Leff (2002, p. 37) argumenta que a “globalização tem promovido uma lógica de exploração dos recursos naturais em prol do crescimento econômico, sem levar em consideração os limites do planeta”.

Leff (2002) entende que para alcançar a sustentabilidade em um mundo globalizado, é necessário adotar estratégias abrangentes que envolvam a cooperação internacional, a governança ambiental efetiva e a conscientização pública com a promoção da responsabilidade corporativa, o desenvolvimento de tecnologias limpas e a implementação de políticas ambientais globais como caminhos para enfrentar os desafios ambientais. Acrescenta, ainda, que:

O princípio de sustentabilidade surge como uma resposta à fratura da razão modernizadora e como uma condição para construir uma nova racionalidade produtiva, fundada no potencial ecológico e em novos sentidos de civilização a partir da diversidade cultural do gênero humano. Trata-se da reapropriação da natureza e da invenção do mundo; não só de um mundo no qual cabiam muitos mundos, mas de um mundo conformado por uma diversidade de mundos, abrindo o cerco da ordem econômica-ecológica globalizada (Leff, 2001, p. 31).

A produção agrícola no modelo agroecológico atende as necessidades produtivas de modo sustentável, pois promove práticas agrícolas que respeitam a biodiversidade, preservam os recursos naturais e garantem a segurança alimentar. Os limites internacionais não são obstáculos para as trocas de informações e para a disseminação de práticas agrícolas e comercialização de produtos agroecológicos.

3. Entendimento de fronteira nesta pesquisa

Definir fronteira é bastante complexo. Para Araújo, Silva e Costa (2020, p. 184) “sua apreensão e percepção apresentam significados diferentes para os Estados, para os cidadãos fronteiriços e para o meio acadêmico. Sua compreensão está diretamente relacionada ao entendimento de território”. Para Machado (2000):

A fronteira é um lugar de comunicação e troca. Os povos podem se expandir para além do limite jurídico do Estado, desafiar a lei territorial de cada Estado limítrofe e às vezes criar uma situação de facto, potencialmente conflituosa, obrigando a revisões dos acordos diplomáticos (Machado, 2000, p. 11).

Etimologicamente, “a origem da palavra fronteira é derivada do antigo latim ‘fronte’ ou ‘frontaria’ e indicava inicialmente a parte do território situado ‘in front’, ou seja, nas margens [...]” (Costa, 2009, p. 66).

Silva (2009) destaca que é preciso entender que, ao mesmo tempo, o limite significa ruptura territorial, mas igualmente uma passagem. A fronteira é um espaço que contém elementos diversos que envolvem as dimensões culturais, sociais, políticas e é palco das mobilidades humanas, ideologias, mercadorias, capitais. Enfim, um ambiente de trocas no âmbito de todas as dimensões da vida cotidiana.

Por vezes, a fronteira é vista como uma linha imaginária que delimita territórios, referindo-se às linhas geográficas que demarcam a extensão de um país, estado ou região. Essas linhas, geralmente, são identificadas nos marcos fronteiriços, rios, montanhas e em outras características naturais ou artificiais (Rodrigues, 2015).

Os limites, não são apenas controles físicos ou políticos, sem assunto ou relação. Assim, como os territórios não são entendidos somente como demarcações espaciais com características físicas e sociais. No espaço fronteiriço acontecem, cotidianamente, práticas sociais, características das localidades de fronteira, ações políticas (estados) e redes tornam-se fundamentais nas interpretações atualizadas do conceito de fronteiras e territórios (Luquini, 2015).

Para Martins (2009):

Fronteira não é associada a questão de limites territoriais, entendendo-se como um espaço de conflito, da combinação de tempos históricos em processos sociais que recriam formas duras de dominação e de reprodução do capital, muitas vezes pautada na violência e na subordinação do trabalhador. (Martins, 2009, p. 133).

Nogueira (2005) apresenta três visões de fronteira: a) as fronteiras controladas, vistas pelo Estado como objeto de controle e fiscalização de quem entra e sai do

território por meio da vigilância civil e militar através de órgãos de repressão, controle e fiscalização do território; b) as fronteiras como resultantes da ideologia nacional, motivada pela percepção típica das sociedades do interior, e; c) as fronteiras significativas e vividas pelas sociedades fronteiriças, capaz de apreender o entendimento e as relações entre a população local como lazer, trabalho, consumo, defesa, disputas, amor etc.

A “fronteira é um espaço em movimento, vivo e vivido, por seus moradores que representam muitas vezes um papel de protagonista na formação dos Estados Nacionais” (Costa, 2013, p. 126). A fronteira física e territorial pode até existir, mas nas relações pessoais são ultrapassadas, já que é comum a complementaridade entre bolivianos e brasileiros, no caso da fronteira Oeste do Brasil.

Uma fronteira é mais do que uma área entre dois países mediada por uma linha demarcatória. Possui uma identidade única formada pela soma de elementos multidimensionais e multi temporais que compõem seus territórios e os fazem culturalmente diversos. Para Steiman e Machado (2002):

A fronteira, portanto, é um espaço geográfico composto por dois territórios que contêm, não exatamente em seu meio, o limite internacional. Assim, limites e fronteiras não significam a mesma coisa. Existem vários estudos sobre as concepções de limites e fronteiras sendo que atualmente é frequente a abordagem das fronteiras como espaço de integração e conflitos, deixando de ser apenas um lugar de isolamento para ser discutida de forma regionalizada em busca do seu desenvolvimento (Steiman e Machado, 2002, p. 141)

Em razão das particularidades de cada região de fronteira é difícil tentar definir somente um conceito, sem a possibilidade de cair num erro de um viés ideológico do pesquisador. A fronteira traz consigo experiências dos seus agentes sociais que acabam tornando esse espaço rico e singular (Martins, 2009).

São as mobilidades humanas que tornam os espaços fronteiriços singulares. A mobilidade se refere à facilidade ou capacidade de se mover ou viajar de um lugar para outro, utilizando diferentes meios de transportes e usufruindo da infraestrutura existente (Costa, 2013). Neste sentido, a mobilidade na fronteira está sendo tratada, aqui, como a facilidade das pessoas e dos bens comercializáveis passarem e serem passados através dos limites internacionais.

Essa mobilidade fronteiriça é percebida na região Oeste do Brasil, Corumbá/Ladário/Puerto Quijarro/Puerto Suárez. Esses territórios podem ser acessados com a utilização de veículos, bicicletas e até mesmo a pé, com motivações

do comércio, turismo, serviços de ensino e saúde, a eventos, a empregos e geração de rendas num movimento complexo. Conforme destacado por Martta (2018, p. 26), inspirado nas ideias de Edgar Morin, “mais do que um corredor de acesso, a fronteira é interação, integração e mobilização de pessoas e produtos. Quanto mais integrada é a fronteira, maior é a mobilidade entre suas partes, consequentemente, maior é o desenvolvimento”.

O espaço fronteiriço onde se localizam as cidades brasileiras de Corumbá e Ladário no Brasil e as bolivianas Puerto Quijarro e Puerto Suárez apresentam um cotidiano singular a qualquer outra cidade fronteira, pelas relações e trocas culturais e uma forte fluidez das mobilidades humanas que lhe imputam uma identidade própria. As feiras livres que acontecem em Ladário, semanalmente, são partes dessa complexidade e da mobilidade territorial dos fronteirios.

4. Agroecologia, políticas públicas e o Grupo Bem-Estar de Ladário/MS

O Grupo Bem-Estar do Assentamento 72 de Ladário, abordado mais adiante, é o único que até início de 2022 tinha produção em bases agroecológicas no lado brasileiro da fronteira tratada neste trabalho. Assim, é relevante compreender a produção em bases agroecológicas na região de fronteira e as políticas públicas, ou a falta delas, que podem fomentar a agricultura familiar. Para Heberlê et al. (2017):

A agricultura familiar tradicional necessita fazer a transição agroecológica para ser mais relevante e sustentável no futuro. Neste sentido, há necessidade de, por um lado, instruir os atores sociais, econômicos, políticos e institucionais, que hoje tomam decisões em relação a agricultura familiar para que reflitam sobre a transição como forma de construir uma agricultura familiar (Heberlê et. al. 2017, p. 144-5).

O cultivo de frutas e hortaliças em sistemas agroecológicos é uma prática que vem sendo ampliada na agricultura familiar brasileira e valorizada, justamente, por ser uma técnica mais sustentável, que protege o meio ambiente e gera segurança alimentar para quem a pratica e para quem consome os produtos dela derivados. Duarte (2009) entende a agroecologia

[...] como ciência e prática, utiliza princípios da agricultura tradicional camponesa e conhecimentos e métodos ecológicos modernos. A agroecologia entra, neste sentido, para fortalecer o desenvolvimento rural, fundamentando-se na perspectiva de “transformação da sociedade” para mudar as relações de produção no campo (Duarte, 2009, p. 105).

Essa prática promove a inclusão social ao estimular o trabalho local e fornecer produtos mais saudáveis e sem resíduos químicos, diferente daqueles oriundos da Revolução Verde, aqui entendida como um modelo baseado no uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos na agricultura.

Trata-se de um conjunto de estratégias e inovações tecnológicas que teve como escopo alcançar maior produtividade através do desenvolvimento de pesquisas em sementes, fertilização de solos, utilização de agrotóxicos e mecanização agrícola. É um fato corrente no campo e que se encontra presente no cotidiano agrícola nas mais diversas áreas do mundo (Serra et al., 2016).

Segundo Alves e Tedesco (2016), esse fenômeno teve início na segunda metade do século XX, entre as décadas de 1960 e 1970. Santili (2009, p. 25) descreve a Revolução Verde como o uso massivo de “insumos químicos (adubos e agrotóxicos), insumos mecânicos (tratores, colheitadeiras mecânicas etc.) e biológicas variedades melhoradas”.

Paradoxalmente, o avanço da agroecologia no campo das políticas públicas insere-se em um cenário amplamente conflituoso e contraditório. As compras públicas movimentam uma quantidade significativa de valores todos os anos nas três esferas governamentais (federal, estadual e municipal) que, de certa forma, favorece aos produtores agroecológicos (Almeida, 2002).

Políticas públicas podem ser definidas como:

[...] campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente). A formulação de políticas públicas constitui-se no estágio em que os governos democráticos traduzem seus propósitos e plataformas eleitorais em programas e ações que produzirão resultados ou mudanças no mundo real (Souza, 2006, p. 26).

No município de Ladário (esfera municipal), o volume de compras de alimentos da agroecologia e da agricultura familiar ainda é baixo. Porém, com a entrada em vigor Lei n. 14.133/2021 (Nova Lei das Licitações), essa situação tende a mudar, pois prioriza o tratamento ambiental sustentável no processo licitatório, impondo exigências que incluem a análise do impacto ambiental do contrato e a geração de editais específicos voltados à aquisição de produtos agroecológicos pelas compras diretas da agricultura familiar (Brasil, 2021).

Os agricultores do município de Ladário, mais diretamente envolvidos neste estudo, possuem duas estratégias de comercialização de seus produtos: para os programas governamentais, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e; nos espaços institucionais e feiras livres, foco investigativo desta pesquisa.

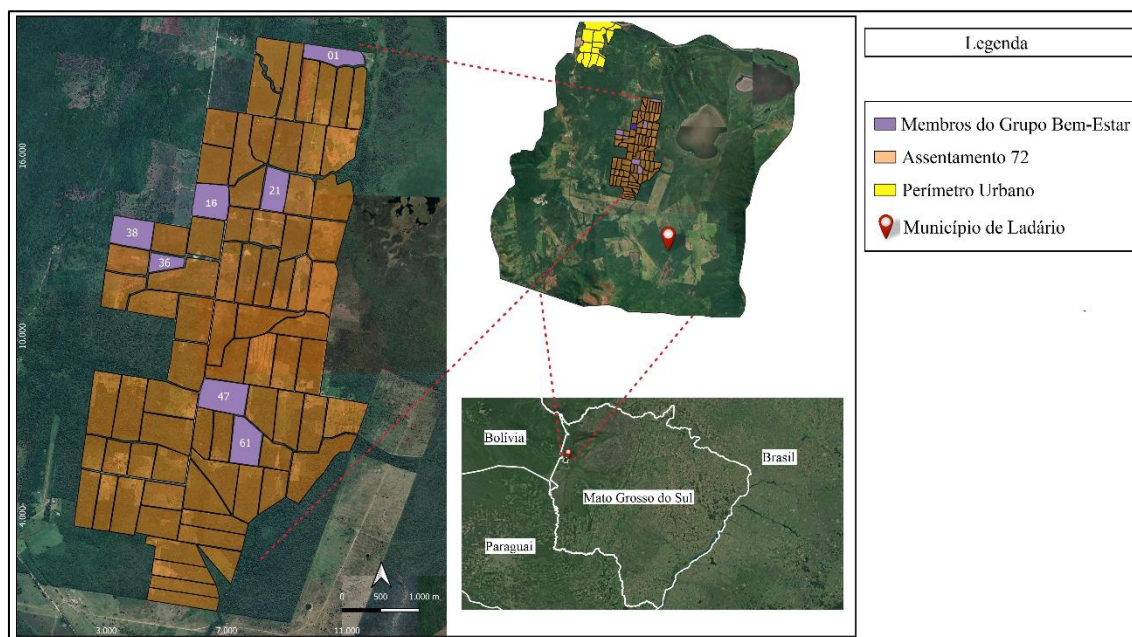
O Assentamento 72 está localizado a 5 km da área urbana de Ladário, próximo à Área de Proteção Ambiental (APA) Baía Negra, que o liga ao Pantanal Sul-mato-grossense. Foi criado em 1998 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a partir da Fazenda Primavera, totalizando uma área de 2.341,30 hectares. É o único assentamento do município de Ladário - MS, dividido em lotes de tamanho médio de 18,5 hectares, que abrigam 85 famílias (Feiden et al., 2017).

O Grupo Bem-Estar tem sua origem em 2011 através de um projeto de pesquisa com fomento do CNPq intitulado "Alternativas de Desenvolvimento Territorial Rural de Assentamento de Ladário-MS 72 na Região do Pantanal", no âmbito da Universidade de Mato Grosso do Sul (UFMS) e em colaboração com a Embrapa Pantanal. Com a introdução de alternativas baseadas na agroecologia, o potencial produtivo das famílias assentadas foi concretizado.

Começou suas atividades, como grupo informal em 2015, com oito famílias, com o objetivo principal de implantar a produção de hortaliças com base na agroecologia e, posteriormente, se transformar numa Organização de Controle Social (OCS), com venda direta sem certificação e, por fim, em um núcleo da Associação de Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul (APOMS) (Feiden et al., 2017).

Atualmente, sete famílias permanecem no grupo e estão esparsamente distribuídas no Assentamento 72 (Figura 1). Uma delas se afastou por motivo de doença e consequente falecimento do esposo.

Figura 1 – Lotes pertencentes aos membros do Grupo Bem-Estar, no Assentamento 72, Ladário-MS, Brasil.



Fonte: Os autores, 2023.

Na escala municipal e no âmbito das feiras livres que acontecem na cidade de Ladário, os únicos vendedores de hortícolas de produção em bases agroecológicas são os membros do grupo Bem-Estar. Entretanto, esse diferencial não significa uma maior procura, como será demonstrado a seguir.

5. A Feira Livre de Sábado em Ladário

Ladário foi fundado em 2 de setembro de 1778 pelo sertanista João Leme do Prado e foi emancipado político-administrativamente durante o governo de Fernando Correa da Costa, em 1953. A instalação do município deu-se em 17 de março de 1954 e a posse do primeiro prefeito realizou-se à 3 de outubro de 1954 (Vieira, 2008). Fica localizado no Sudoeste da região Centro-Oeste do Brasil, no Pantanal Sul-mato-grossense. Sua área urbana possui 5,8 km² e está a 421 km da capital do estado (Campo Grande), a 6 km do centro de Corumbá e a 12 km da fronteira com a Bolívia.

Vieira (2008) afirma, também, que a localização geográfica do atual município de Ladário é privilegiada para ocupação e controle da fronteira por estar a margem direita do Rio Paraguai, a 114 metros acima do nível médio do mar. Isso, em parte, explica a localização do Complexo do 6º Distrito Naval da Marinha do Brasil na cidade.

Ladário possui uma população de 21.522 habitantes, pelo Censo Demográfico, e sua economia baseia-se nas atividades comerciais, pecuária, pesca, turismo e no transporte fluvial de cargas (IBGE, 2022). Caracteriza-se como um município fronteiriço, com uma forma de urbanização descontinuada em ambos os lados da fronteira Brasil-Bolívia que Benedetti (2011) considera como sistema fronteiriço disperso. Outro fator importante é a presença frequente, tanto de bolivianos na cidade de Ladário, quanto de ladarenses nas áreas vizinhas da Bolívia.

A Prefeitura é o órgão do Poder Executivo Municipal, responsável pelos mais diversos assuntos relacionados à administração da cidade. É composta por secretarias e fundações de ordem administrativa direta e indireta, tais como: a Agência Municipal de Trânsito, a Assessoria de Comunicação e Imprensa Controladoria Geral do Município, a Fundação de Cultura, Fundação de Turismo, a Fundação de Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, Fundação Municipal de Esportes, a Guarda Municipal, o Instituto Municipal da Previdência Social, a Procuradoria Geral do Município, a Secretaria de Infraestrutura e Serviços Públicos, a Secretaria Especial de Fomento e Desenvolvimento Econômico, a Secretaria Especial de Políticas Sociais e Cidadania, a Secretaria Municipal de Administração, a Secretaria Municipal de Assistência Social, a Secretária Municipal de Educação, a Secretaria Municipal de Finanças e Planejamento, a Secretaria Municipal de Governo, a Secretaria Municipal de Habitação, Secretaria Municipal de Saúde.

Os órgãos responsáveis por atender a população moradora do Assentamento 72, foco desta pesquisa, são a Fundação de Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural e a Secretaria Especial de Fomento e Desenvolvimento Econômico. Nesse contexto, a agricultura familiar é uma atividade importante que liga, do ponto de vista comercial, os territórios desta região de fronteira.

Muitos produtores bolivianos comercializam seus produtos provenientes da agricultura familiar nas feiras livres de Corumbá e Ladário, bem como em pequenas barracas espalhadas pela cidade boliviana. Não fazem, contudo, distinção entre a produção convencional e a agroecológica ou orgânica.

A presença de feiras livres na região de Corumbá e Ladário é um exemplo de mobilidade e interação entre diferentes culturas e países. A maioria dos feirantes é de origem boliviana e muitos deles cruzam, diariamente, a fronteira para comercializar seus produtos.

Essa mobilidade é fundamental para a vida da fronteira, para as práticas comerciais cotidianas e para a construção do território. Em Ladário acontecem, semanalmente, cinco feiras livres. A feira de terça-feira no bairro Nova Aliança, a de quarta-feira no centro de Ladário, a de quinta-feira no bairro Almirante Tamandaré, a de sábado na área central e de domingo no bairro Boa Esperança (Mutirão).

A mais antiga é a feira de sábado, que acontece no Centro da cidade. Empiricamente, se observa que a feira de sábado é a que possui maior quantidade de feirantes e de consumidores. Também, é o dia escolhido para os membros do Grupo Bem-Estar venderem seus produtos (Figura 2). Esses elementos foram determinantes para a opção da pesquisa trabalhar com essa feira.

Figura 2 - Banca na feira livre de sábado, Ladário/MS, 2023



Fonte: Acervo do autor, junho de 2023.

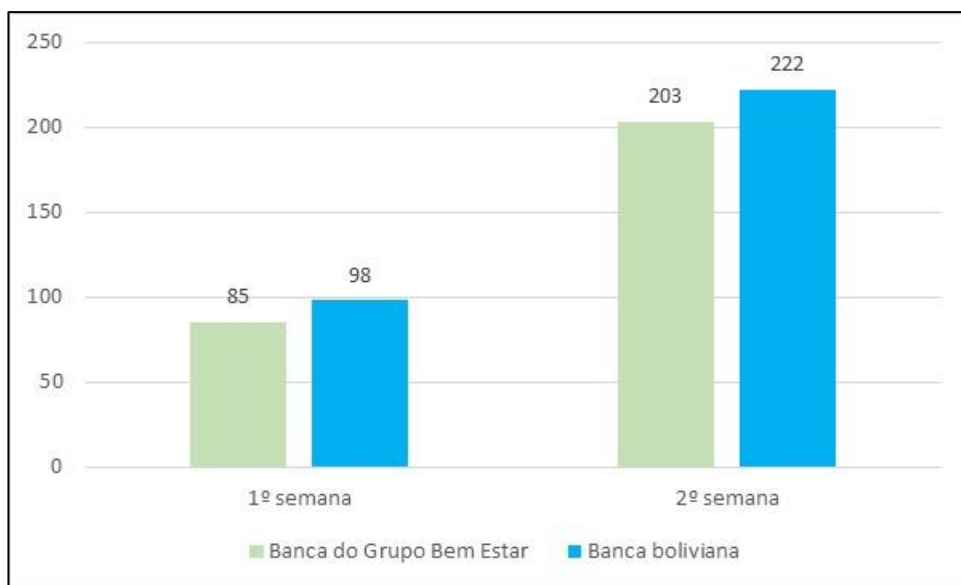
Para estimar quantos consumidores de hortaliças comprem na feira de sábado foi feita uma contagem, no primeiro e segundo sábado do mês de junho de 2023, escolhido por conveniência, desde o início ao final da feira, tendo como referência a maior banca (em tamanho e em quantitativo de produtos) de hortaliças de feirantes bolivianos e de feirantes do Grupo Bem-Estar.

A escolha do primeiro sábado do mês é explicada pela maior quantidade de pessoas na feira motivadas, muito provavelmente, pelo recebimento dos salários. E, do segundo sábado para observar se a diferença era considerável para a contagem do número de consumidores.

O levantamento foi realizado nos dias 3 e 10 de junho de 2023, das 7:30h às 12:30. Foram contabilizados, respectivamente 203 e 222 consumidores na maior banca

boliviana e, 85 e 98 consumidores na maior banca do Grupo Bem-Estar (Figura 3). Isso correspondente a 288 e 320 consumidores nos dois dias observados. Portanto, uma média de 304 consumidores de hortaliças.

Figura 3 - Comparativo da quantidade de consumidores que abordaram duas bancas da venda de produtos da agricultura familiar na feira livre de sábado, Ladário/MS



Fonte: Pesquisa de campo, junho 2023.

É evidente que não se pode garantir que a quantidade encontrada será exata para o universo estudado. Contudo, entende-se que se trata de um número representativo deste universo. Parte-se do princípio de que as feiras são dinâmicas, que ora retraem e ora se expandem. Atraem mais e menos pessoas dependendo de suas complexidades internas e das capacidades de oferta e atendimento das demandas. Por isso, não é possível precisar com segurança um número para o universo de compradores de hortaliças. Trata-se de uma constatação referente ao quantitativo de consumidores em dois dias observados, não podendo ser tomado como definitivo.

A pesquisa contou com a ajuda de mais três pessoas que foram, previamente, treinadas para fazer a contagem de consumidores e a identificação dos produtos comprados. Os feirantes autorizaram a abordagem e tomou-se o cuidado de não registrar fotografias de suas bancas para garantir a confidencialidade das informações. A fotografia trazida, anteriormente, é ilustrativa da feira, mas, não se refere às bancas pesquisadas.

Na medida em que um cliente adquiria os produtos das bancas escolhidas eram anotadas a variedade e a quantidade adquirida. A banca pertencente a membro do Grupo Bem-Estar apresentou nove produtos para venda, enquanto a do feirante boliviano trouxe 13 produtos (Tabela 1).

Tabela 1 – Comparativo da quantidade de produtos vendidos em duas bancas na feira livre de sábado, Ladário/MS

Produtos (unidades)	Quantidade de vendas	
	Grupo Bem-Estar	Banca boliviana
Alface	22	38
Banana da terra	0	38
Banana nanica	0	56
Batata doce	0	43
Brócolis	0	23
Carne de porco	06	0
Cheiro verde	28	34
Couve	08	16
Laranja	0	57
Leite	18	0
Limão	18	0
Mamão	18	16
Mandioca	42	39
Melancia	0	24
Morango	0	08
Queijo	20	0
Tomate	0	40

Fonte: Pesquisa de campo, junho 2023.

Observa-se uma maior variedade de produtos e maior quantidade de clientes que buscaram a principal banca de produtos do feirante boliviano. A condição de produtor local e de produção agroecológica não se mostrou decisiva para a procura pela banca do Grupo Bem-Estar.

Cabe lembrar que os feirantes bolivianos adquirem produtos de múltiplas localidades, não sendo possível precisar suas origens, conforme destacado por Santo, Costa e Benedetti (2017). São produtos que chegam dos assentamentos rurais de Corumbá/MS, do próprio Grupo Bem-Estar, de agricultores da franja fronteiriça boliviana, das distantes Santa Cruz de la Sierra (650 km), Campo Grande (450 km), São Paulo (1.500 km) e Curitiba (1.500 km) e, até mesmo, dos supermercados de Corumbá.

Alface, cheiro verde, couve, mamão e mandioca são os produtos encontrados em ambas as bancas. Apenas o Grupo Bem-Estar apresentou comercialização de

carne de porco, leite, limão e queijo, mesmo não sendo produtos certificados com inspeção sanitária. Os bolivianos, com sua capacidade de articulação territorial, conseguem trazer para a feira produtos que fogem da sazonalidade local, como morango, por exemplo.

6. Considerações Finais

Os feirantes bolivianos e membros do Grupo Bem-Estar dividem o espaço da feira livre de Ladário para a realização da venda de seus produtos. A opção pela compra de alimentos reconhecidamente mais saudáveis (agroecológicos) do Grupo Bem-Estar não se mostrou decisiva para a procura de seus produtos.

Conclui-se, portanto, que a banca boliviana estudada apresentou uma maior quantidade de consumidores e, também, maior variedade de produtos comercializados. Não são produtos exatamente iguais, fato que estimula a possibilidade de venda para todos os feirantes e amplia a capacidade dos consumidores encontrarem suas necessidades de consumo na feira.

7. Referências

ABÍLIO, F. J. P. Educação Ambiental para o semiárido. João Pessoa: UFPB, 2011.

ALVES, C. T.; TEDESCO, J. C. A revolução verde e a modernização agrícola na mesorregião noroeste do Rio Grande do Sul – 1960/1970. Revista Teoria e Evidência Econômica, v. 21, n. 45, 2016.

ALMEIDA, J. Agroecologia: paradigma para tempos futuros ou resistência para o tempo presente? Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 6, p. 29-40, 2002.

BRASIL. Lei 14.133, de 01 de abril de 2021. Lei de Licitações e Contratos Administrativos. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2021/lei/L14133.htm> Acesso em 14/05//2023.

COSTA, E. A. Mobilidade e fronteira: as territorialidades dos jovens de Corumbá, Brasil. Revista Transporte y Territorio, n. 9, p. 65-86, 2013.

CUYATE, R.; COSTA, E. A.; Braticevic, S. I. Feira livre de Ladário: território de confronto dos camponeses do Assentamento 72 e dos feirantes bolivianos de hortaliças. SEMINÁRIO DE ESTUDOS FRONTEIRIÇOS, 5. Anais... Corumbá, MS, 2015. p. 1-15.

DUARTE, L. R. R. Transição agroecológica: uma estratégia para a convivência com a realidade semiárida do Ceara. Dissertação de Mestrado. UFC, 2009.

FEIDEN, A. et al. Levantamento participativo da produção de hortaliças no Assentamento 72, município de Ladário-MS, colhidas e vendidas pelo Grupo Bem-Estar no ano de 2015. Cadernos de Agroecologia, v. 11, n. 2, p. 1-8, 2017.

FRIEDMAN, T. O mundo é plano: uma breve história do século XXI. Tradução de Cristiana Serra e S. Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

HEBERLÊ, A. L. O. et al. Agricultura familiar e pesquisa agropecuária: contribuições para uma agenda de futuro. In: DELGADO, G. C.; BERGAMASCO, S. M. P. P. (org.). Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro. Brasília: Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário, 2017. p. 144-45.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. Porto Alegre, v. 3. n. 1. Jan/Mar: 2002.

LUQUINI, R. C. S. Os limites das fronteiras internas de domínio do estado da Bahia: conflitos e atualização. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

Martta, M. As territorialidades do cotidiano e do trabalho nas feiras livres de Corumbá – MS. 2018. Dissertação (mestrado em Estudos Fronteiriços) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Corumbá, 2018.

MARTINS, J. de S. Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2009.

MACHADO, L. O. Limites e fronteiras: da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade. Revista Território, n. 8, p. 09-29, 2000.

NOGUEIRA, R. J. B. Amazônia continental geopolítica e formação de fronteiras. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura, CCPA, 2005.

RODRIGUES, A. L. Uma discussão sobre os conceitos de fronteira e território no ensino fundamental, anos iniciais, de Geografia. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente da UNESP, 2015.

RODRIGUEZ, J. M. M.; SILVA, E. V. da. Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: Problemática, Tendências e Desafios. 2. ed. Fortaleza-CE: Edições UFC, 2009.

ROBERTSON, R. Globalização: teoria social e cultura global. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTILI, J. Agrobiodiversidade e o direito dos agricultores. São Paulo: Petrópolis, 2009.

SANTO, A. L. E.; COSTA, E. A.; BENEDETTI, A. G. A feira livre de Corumbá/MS na fronteira Brasil-Bolívia. Bol. Georg., Maringá, v. 35, n. 3, p. 93-108, 2017.

SERRA, L.; MENDES, M. R. F.; SOARES, M. V. A.; MONTEIRO, I. P. Revolução verde: reflexões acerca da questão dos agrotóxicos. Revista Científica do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável UNDB, v .1, n. 4, p .1-2 4, 2016.

STERN, N. The economics of climate change: the Stern review. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SOUZA, C. Políticas Públicas: Questões Temáticas e de Pesquisa. Caderno CRH, v. 39, p. 11-24, 2006.

VIEIRA, S. G. As transformações da área urbana do município de Ladário-MS. 2008. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, Corumbá/MS, 2008.